

# As reflexões de Velimir Khlebnikov, o Rei do Tempo: uma busca pela ordem fundamental da realidade

Rodrigo Reis Maia<sup>1</sup>

## Resumo:

Velimir Khlebnikov (1885-1922) foi um dos mais conhecidos membros do cubofuturismo russo. Chamado por seus colegas de “Rei do Tempo”, Khlebnikov buscou por boa parte de sua vida adulta aprofundar o entendimento humano acerca de leis fundamentais que supunha governar todos os aspectos da realidade física. A partir das reflexões deste escritor, o presente artigo tem por principal objetivo contribuir para um maior entendimento acerca da maneira através da qual a modernidade fora experimentada pelos russos durante o primeiro quarto do século XX.

Palavras-chave: Futurismo, Rússia, Modernidade.

## Abstract:

*The reflections of Velimir Khlebnikov, the King of Time: a search for the fundamental order of reality.*

Velimir Khlebnikov (1885-1922) was one of the most well-known members of Russian Cubofuturism. Called “King of Time” by his peers, Khlebnikov sought throughout his adult life to enhance the human understanding concerning fundamental laws that, he supposed, governed all aspects of physical reality. From this writer’s reflections, the present article means to contribute to the achievement of a greater understanding of the way through which modernity was experienced by Russians during the first quarter of the twentieth century.

Keywords: Futurism, Russia, Modernity.

Viktor Khlebnikov nasceu em novembro de 1885, na região de estepes à oeste do mar Cáspio. Quarto de cinco filhos, teve como genitores seu pai Vladimir, um doutor em ornitologia que se ocupava do cargo público de administrador regional, e Ekaterina, formada em História e ligada a certos membros do movimento populista, tão relevante para o entendimento da política russa no *fin-de-siècle*. Em suas primeiras empreitadas literárias, Viktor passaria a denominar-se Velimir, alcunha que superou as barreiras de pseudônimo e tornou-se, para todos os efeitos práticos, seu nome.<sup>2</sup> Enviado por seu distinto pai à universidade para que pudesse preencher futuramente um cargo de respeito que lhe conferisse proventos e posição respeitável na burocracia estatal russa, Velimir teve passagens pelas universidades de Kazan – onde estudara matemática até transferir-se ao departamento de Ciências Naturais – e São Petersburgo – onde deveria continuar seus estudos naturalistas.

Em Petersburgo, Velimir intensificaria seus impulsos literários, passando a circular entre os poetas simbolistas do círculo do conhecido Viacheslav Ivanov, e conhecendo outros jovens escritores que posteriormente comporiam o círculo cubofuturista, como Vassili Kamenskii, os irmãos Burliuk, Vladimir Mayakovskii, Alexei Kruchenykh e Mikhail Matyushin.

O objeto do presente artigo se localiza temporalmente no período da produção de Khlebnikov em que o mesmo se considera um futurista.<sup>3</sup> Especificamente, aqui preocupar-se-á com os experimentos e

<sup>1</sup> Mestrando em História Social vinculado ao PPGHIS/UFRJ. Auxílio financeiro da Capes. E-mail: rodrigoreismaia@gmail.com.

<sup>2</sup> Velimir pode ser compreendido como uma contração entre o adjetivo *Velikii* (Grande) e *Mir* (paz ou mundo). A eventual assinatura na qual as duas partículas são separadas por um espaço corroboram a intenção do escritor em formular tal contração.

<sup>3</sup> Especificamente entre 1912 e sua morte, em 1922. Futurista, no entanto, não seria a alcunha mais apropriada para denominar Khlebnikov, que cunhara o termo *budetlyanin* (que poderíamos traduzir por futuriano, apenas para diferenciação em

reflexões linguísticas e matemáticas empreendidos por Khlebnikov, na medida em que se entende – e procurar-se-á demonstrar – que é possível inferir a partir destes as expectativas, perspectivas e noções que permeavam o pensamento do poeta durante o período trabalhado, inferências estas que servem para que se possa melhor refletir a maneira através da qual a experiência moderna fora recebida e processada entre os russos durante o início do século XX.

Observado de forma panorâmica e generalizante, o cubofuturismo apresenta uma plataforma artística que, especialmente por um fator, o antagoniza estruturalmente às outras orientações artísticas presentes no cenário russo contemporâneo: a ênfase na pesquisa e reflexão formal em detrimento do conteúdo artístico da obra. Em outras palavras, tanto em literatura quanto em pintura, pode-se observar entre os cubofuturistas uma exigência de reflexão e aprofundamento acerca daquilo que é intrínseco e fundamental na produção artística, de modo a desvendar suas propriedades e permitir ao artista uma navegação consciente no interior das possibilidades permitidas pelo ofício que exerce. Na pintura, por exemplo, Kazimir Malevich desenvolveu o *Suprematismo*, no qual defendia a *não-objetividade* e o que chamou de *realismo pictórico*.<sup>4</sup> O nome de sua plataforma derivava de sua posição artística, na qual defendia uma supremacia da cor – aquilo que é a essência da pintura – sobre as demais facetas da produção – em especial o conteúdo. Vladimir Tatlin, por sua vez, seguia os passos de Picasso e rompia radicalmente as barreiras entre pintura e escultura, iniciando sua *Cultura de Materiais*, que na década de 1920 seria apreendida pelos construtivistas como sua antecessora natural. A proposta de Tatlin pautava-se na experimentação e dedução das aplicabilidades artísticas de materiais como madeira, vidro e aço, a partir da qual o uso destes materiais artisticamente poderia ser feito com maior consciência e arrojo.

A preocupação formal destes artistas, seu interesse em investigar o método de produção artística, as propriedades inerentes às cores, as reações psicológicas estimuladas por elas, enfim, os limites e potencialidades de seu ofício não surpreendem e possuem claros paralelos em outras áreas de produção humana. Se nos lembrarmos das palavras de Foucault, podemos inscrever a preocupação formal destes cubofuturistas – bem como dos formalistas russos, ou de artistas europeus de outras orientações – no interior do intenso processo de questionamento e reavaliação de todos os cânones científicos iniciado na segunda metade do século XIX.<sup>5</sup> Se por *representação* Foucault denomina a principal diretriz e o central alicerce do conhecimento humano até o século XIX, diretriz esta questionada a partir de então, na pintura fora o *conteúdo* a diretriz sob ataque. Se antes a representação da realidade sensível – de forma realista ou simbólica – era a principal preocupação na produção artística, paulatinamente a arte modernista se embrenharia em um complexo questionamento da validade de manutenção de tal diretriz e de quais seriam as repercussões desta postura sobre o desenvolvimento da técnica artística. Em essência, a empreitada futurista foi precedida neste questionamento pelos impressionistas, especialmente por Cézanne, bem como por Picasso, Matisse, entre tantos outros. Em intensidade, entretanto, o cubofuturismo russo apresentou à arte ocidental um iconoclasmo tão violento e um questionamento tão destrutivo que, em seu país, mesmo aqueles que anteriormente se empenharam em disseminar os modernistas franceses pelo país eslavo se tornaram contra os aparentes filisteus que nada mais queriam do que destruir a arte e o belo.<sup>6</sup>

nosso idioma) em recusa à adoção do europeizado vocábulo *futurist*. A posição defendida por Khlebnikov no que concerne às relações entre Rússia e Europa, infelizmente, foge ao escopo do presente artigo, e não será tratada diretamente.

<sup>4</sup> Por não-objetividade, explica o artista, pretende-se dissociar a pintura suprematista de uma produção estritamente abstrata. Isto porque afirma que sua produção sempre partiria de algum estímulo ou ponto de partida que pode ser traçado ao mundo sensível. O termo deriva, portanto, da produção de arte motivada por um impulso sensível, mas sem pretensões de representação objetiva. Já por realismo pictórico, deve-se entender um realismo coerente no interior do universo formal da pintura, em contraposição a um realismo naturalista ou espacial, no qual a reprodução dos aspectos da realidade sensível seja a mais alta diretriz perseguida.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. 231-263.

<sup>6</sup> Exemplo disso pode ser encontrado nos esforços dos integrantes do grupo Mundo da Arte, formado em 1898 por Aleksandr Benois, Lev Bakst, Dmitri Filosofov e Sergei Diaghilev, responsáveis por uma das primeiras iniciativas de introdução ao público russo das produções impressionistas e pós-impressionistas francesas, bem como do expressionismo alemão e escandinavo.

No âmbito literário, a experimentação e reflexão formal foi empreendida principalmente por dois autores: Velimir Khlebnikov e Alexei Kruchenykh. Outros futuristas, como Mayakovskii, Kamenskii ou Aseev, empreenderam seus próprios experimentos, mas pouco produziram no que diz respeito a uma teoria formal como fizeram os dois primeiros. Estes se ocuparam não apenas de usar suas obras como laboratório para suas investigações formais, mas também tiveram a preocupação de organizar suas conclusões em tratados teóricos. Nestes tratados, há uma faceta da experiência literária que se destaca, uma que para ambos consiste em nada menos do que a descoberta básica que alicerçaria a produção literária futura e a dominação humana de fato sobre a linguagem: a *transrazão* (*zaum*).

A transrazão nada mais seria do que um aspecto da existência humana que fora sufocado pelo modelo cientificista-empiricista ocidental, que ciclicamente estrangelia as jovens mentes humanas e se perpetuava pela diretriz cumulativa que lhe é inerente. Na literatura, uma *linguagem transracional* (*zaumnyi yazyk*) é possível, segundo os autores, e sua utilização permitiria não apenas a ampliação do campo literário e linguístico, mas promoveria o progresso humano acerca do entendimento da língua, por um *front* que durante muito tempo fora negligenciado.

Khlebnikov define a linguagem transracional como “a linguagem situada para além dos limites da razão ordinária”.<sup>7</sup> De uma forma geral, a partir dos escritos de ambos autores, poder-se-ia atribuir a este âmbito linguístico qualquer construção linguística que não seja restringida ou direcionada *a priori* por quaisquer estrangulamentos de ordem racional, *mas que seja produzida sob a premissa de adequar-se às propriedades intrínsecas da língua*. Tal premissa pode ser inferida a partir dos escritos do próprio autor, que afirma:

As pessoas dizem que um poema deve ser compreensível.

(...) nós não podemos exigir de toda a linguagem: “seja fácil de entender, como uma placa na rua”. A linguagem de uma razão elevada, mesmo quando não é compreensível, cai como sementes em solo fértil do espírito e apenas muito mais tarde, de formas misteriosas, germina (...). De qualquer forma, eu certamente não defendo que qualquer fragmento escrito incompreensível seja belo. Eu apenas afirmo que não podemos rejeitar qualquer escrita simplesmente porque ela é incompreensível a um determinado grupo de leitores.<sup>8</sup>

Paradoxal, no mínimo. Tal paradoxo se torna ainda mais gritante quando estes autores se demonstram obstinados a dominar estas propriedades e, no caso de Khlebnikov especificamente, apreender racionalmente a transrazão e aplicá-la com consciência!

A linguagem transracional significava coisas diferentes para Khlebnikov e Kruchenykh, de certa forma. Em outras palavras, suas pesquisas seguiram rumos diferentes, pois pautaram-se em objetivos e expectativas diversas. Kruchenykh acreditava especialmente na existência de uma multiplicidade de características inerentes à expressão linguística que foram pelo decorrer dos séculos silenciadas pela ditadura do conteúdo, do sentido destas palavras. Experimentava, portanto, em *fronts* como o fator pictórico da letra, a fonética, a distribuição do espaço escrito sobre o suporte, entre outros. Criava palavras inexistentes e formava palavras a partir de outras preexistentes com intuito de incutir ao leitor uma resposta emocional que não pudesse ser explicada racionalmente. Buscava “descongelar” a língua, e de forma recorrente se utilizava das construções fonéticas de pessoas experimentando êxtases religiosos ou emoções intensas como exemplos inconscientes de transrazão no campo linguístico.

Um artigo de Benois, chamado Cubismo ou Ridiculismo, atesta o desgosto com que o mesmo – à esta altura um reconhecido crítico artístico – observava a pesquisa de Picasso e suas apropriações russas. O que o mesmo Benois teve a dizer sobre a exposição futurista 0,10, realizada em 1915, e na qual o Suprematismo fora lançado, corrobora a intensidade da reação contra o iconoclasmo e estrito formalismo do cubofuturismo russo. Sobre Benois e a exposição citada, ver SHARP, Jane. “The Critical Reception of the 0,10 exhibition: Malevich and Benua” In: GERMANO, C.; GIMENEZ, C. (orgs.). *The Great Utopia: The Russian and Soviet Avant-Garde, 1915-1932*. Nova York: The Solomon R. Guggenheim Museum, 1992, pp. 39-49.

<sup>7</sup> DOUGLAS, Charlotte. *Collected Works of Velimir Khlebnikov*. Massachusetts: Harvard University Press, 1987. Volume 1: Letters and Theoretical Writings, p. 383

<sup>8</sup> DOUGLAS, op. cit., pp. 370-371.

O caminho traçado por Khlebnikov se difere de forma considerável, ainda que em muito concorresse com Kruchenykh. Enquanto os questionamentos formais feitos por Kruchenykh são identificáveis em Khlebnikov, o método através do qual a experimentação deste se realizou muito se difere, bem como seus objetivos.

Para Khlebnikov, a linguagem não é, estritamente falando, uma criação do homem; este não é soberano sobre ela, a despeito do que pensa. A linguagem se insere, na verdade, num amplo fluxo de forças cósmicas, e possui características e influências que, até então, fugiam à inquisição do homem. O autor acreditava que os fonemas, a construção linguística, possuía um sentido que era prévio à utilização do homem; defendia que a língua transcendia as construções humanas e participava da grande fazenda que era o universo, apenas povoado por homens, os quais formaram, a partir deste cosmos, uma linguagem limitada pelos limites racionais de seus próprios criadores. A partir desta premissa, inferia que os fonemas e caracteres utilizados na linguagem possuíam características fundamentais próprias, e que a apreensão destas características permitiria ao homem maior consciência e soberania em sua manipulação, ampliando – e inevitavelmente abolindo – os limites impostos à sua comunicação e à sua apreensão da realidade.

No campo linguístico, portanto, a pesquisa transracional de Khlebnikov tinha por objetivo discernir estas unidades fundamentais da língua e catalogá-las, permitindo que o homem de fato se impusesse sobre a língua que antes presumia dominar, e que realmente passasse a manusear com consciência toda a potencialidade que a expressão linguística conferia. A partir deste mapeamento linguístico, Khlebnikov esperava que uma língua única pudesse ser cunhada, na qual as propriedades fundamentais dos fonemas fossem conscientemente consideradas para a construção de palavras e tivessem suas características otimizadas, ao invés de formadas por acidente e sujeitas aos constrangimentos culturais. Sobre a situação linguística contemporânea, afirma:

As línguas traíram suas gloriosas origens. (...) Atualmente os sons abandonaram suas funções passadas e servem para fins hostis (...). Cada sistema de moeda auditiva reclama para si supremacia, levando as línguas enquanto tais a servir para a desunião da humanidade e à promoção de guerras espectrais.<sup>9</sup>

A menção às “gloriosas origens” da língua não devem ser confundidas com nostalgia ou saudosismo por parte do autor. O mesmo afirma que apenas a partir dos desenvolvimentos científicos da contemporaneidade é possível ao homem um esforço das proporções necessárias para que se empreenda tal estudo. O passado serve, no pensamento linguístico de Khlebnikov, como indício metodológico. Não foi o passar do tempo, mas os constrangimentos sociais tradicionais que contribuíram para o desvio linguístico que ele diagnostica. Em uma sociedade que, para o autor, se construiu especialmente sobre o valor de racionalidade, é a partir da experimentação em um cenário em que tal valor não seja um fator que se deve esperar os resultados mais nítidos e confiáveis. A arte infantil, por exemplo, fora um dos caminhos traçados por ele em sua pesquisa;<sup>10</sup> a construção transracional aos moldes de Kruchenykh, outro. Por fim, a observação das palavras preexistentes, em busca de semelhanças que permitam a observação das manifestações naturais da língua misturadas no interior solidificado das construções racionais ocidentais.

Este último rumo de pesquisa, o de análise de palavras comumente usadas em busca de padrões, a partir dos quais hipóteses gerais pudessem ser deduzidas e testadas, é o que no presente artigo mais interessa. Como se pode já ver claramente, a partir inclusive dos termos e jargões que permeiam este artigo, Khlebnikov percebe e realiza sua pesquisa a partir de critérios e metodologia científicos. Em virtualmente todos os tratados escritos por ele nos quais o mesmo pretende apresentar algumas de suas racionalizações, uma postura imparcial e objetiva é claramente buscada em seu discurso, recorrendo o autor à pri-

<sup>9</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 364

<sup>10</sup> Os esforços empreendidos por Khlebnikov para a publicação de poemas de uma menina chamada Militsa em produções cubofuturistas atesta o valor que o autor conferia ao *front* de pesquisa infantil. Em recorrentes cartas a Davi Burluk e Vassili Kamenskii, Khlebnikov reproduz fragmentos de poemas da menina e defende sua importância com vigor.

meira pessoa em geral apenas para sua própria glorificação. Em alguns, ele recorre a situações imaginárias de diálogo nas quais não está presente, substituído por personagens anônimos.<sup>11</sup> Esta postura indica que para o autor os limites entre arte e ciência são perfeitamente transponíveis, o que é corroborado por muitos outros artistas russos de orientação futurista. Pode-se observar em muitos escritos de diversos autores – como Kruchenykh, El Lissitzkii, Malevich, Aleksandr Rodchenko, e o próprio Khlebnikov – que a atuação de artistas nas mais diversas áreas do pensamento humano era inclusive desejável, em decorrência da criatividade que era inerente àqueles que optavam pela produção artística e pela inevitável intensificação desta criatividade a partir da execução do ofício artístico. A majoritária presença de artistas como os citados acima nas estruturas administrativas da política cultural soviética durante o período de guerra civil (1917-1920) resultou em uma clara aplicação desta noção, e na multiplicação de exemplos que corroboram a afirmativa de que a postura de ampla navegação entre as áreas da arte e da ciência não era exclusiva a Khlebnikov.

Em suas reflexões linguísticas, portanto, Khlebnikov adotava claramente uma metodologia científica clássica de observação, formulação de hipóteses e comprovação. A partir da aplicação deste método, definiu propriedades inerentes a virtualmente todas as letras do alfabeto cirílico, ainda que adiantasse em alguns que não possuía provas necessárias para afirmá-las com total certeza, e em outro que não passavam estes esforços de “passos de bebê”.<sup>12</sup> Afirmava, ainda, que a primeira letra de uma palavra era a letra “dominante” da mesma, a partir da qual as outras deveriam ser interpretadas. Em outras palavras, todas as letras que compõem uma determinada palavra deveriam ser interpretadas, mas a que a inicia “dava o tom” da construção linguística como um todo.

A título de exemplo, pode-se mencionar algumas das definições criadas pelo autor. À letra M, por exemplo, atribuiu a característica de conter “em si a desintegração do todo em partes (uma grande entidade em entidades menores)”.<sup>13</sup> É com essa letra que, em russo, se iniciam as palavras muito (*mnogo*), matéria (*materiya*), instante (*mig*), pequeno (*malyi*), martelo (*molotok*), farinha (*muka*), entre muitas outras. A letra C (s em nosso alfabeto), por sua vez, é para Khlebnikov característica de palavras que “unem partes em um todo”.<sup>14</sup> Com essa letra se iniciam as palavras conselho (*sovet*), rebanho (*stanitsa*), tribo (*soi*), cem (*sto*), força (*sila*), família (*semya*) entre outras.

Definições como estas são atribuídas às vogais e às consoantes; as hipóteses sobre a dinâmica entre vogais e consoantes, sobre mútua interferência entre letras em uma palavra, são numerosas demais para serem aqui contempladas. No entanto, pode-se utilizar a sua principal expectativa – a de mapear as características naturais fundamentais dos fonemas utilizados pelos homens – para se refletir sobre outras facetas e consequências do pensamento de Khlebnikov. Em especial, sobre a amplitude de sua ambição.

Khlebnikov, através de suas pesquisas linguísticas, esperava nada menos do que uma fórmula geral que governasse as relações linguísticas. Sua explanação acerca de suas definições levantam questionamentos imediatos da maioria dos leitores com alguma capacidade crítica. Por exemplo, a existência de muitas palavras que não se enquadram em suas definições, que contrastam com aquelas que o autor, às vezes de forma bem tênue, associa às suas definições hipotéticas. Outro exemplo encontra-se nas línguas estrangeiras. Como os próprios exemplos acima demonstram, muitas palavras se configuram em línguas diver-

<sup>11</sup> O tratado *O Professor e o Aluno* é o melhor exemplo da aplicação deste recurso de objetividade. Neste pode-se ler um diálogo entre um professor e seu aluno, no qual o aluno apresenta ao professor suas reflexões – as de Khlebnikov – sobre o tempo, a linguagem e seus desdobramentos teóricos e práticos. Outros aspectos deste tratado, como o tom pouco brilhante e fraco do professor e a pujância e inteligência do aluno que o surpreende, ainda que o professor reaja às elucubrações do aluno com arrogância frequentemente, remetem a outras reflexões que poderiam ser feitas, acerca do anti-academicismo que partilhavam os cubofuturistas. O tratado pode ser encontrado em DOUGLAS, op. cit., pp. 277-287.

<sup>12</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 369.

<sup>13</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 294.

<sup>14</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 294.

sas do russo de forma extremamente diferente, porém possuem o mesmo significado. Se os caracteres de fato possuíssem uma pulsão própria que impelisse de alguma forma os criadores de novas palavras em uma determinada direção criativa, não poder-se-ia talvez esperar uma maior semelhança entre palavras de idiomas diversos? Para Khlebnikov, não. Primeiramente, como afirma, estes são apenas os primeiros passos de uma empreitada que o autor esperava que fosse continuada após sua morte. A partir desta premissa, não se poderia vetar a possibilidade de que a interação entre as letras de palavras tão diversas alcançassem resultados semelhantes, e que apenas o continuado processo de pesquisa linguística fosse capaz de codificar. Se pensarmos em termos matemáticos, por exemplo, poderíamos pensar sobre duas equações radicalmente diferentes, mas que possuem os mesmos resultados finais. Como veremos a seguir, pensar em termos matemáticos foi justamente o que fez Khlebnikov, em seu projeto mais ambicioso, no qual sua pesquisa linguística seria apenas uma faceta.

Ampliando o escopo de sua premissa acerca das propriedades fundamentais dos fonemas utilizados na linguagem humana, Khlebnikov formulou a hipótese de que a realidade total deveria ser igualmente regida por leis fundamentais, que imporiam limites e ditariam o desenrolar dos eventos que recordamos na nossa história. Na busca de comprovação desta hipótese repousou a mais ambiciosa empreitada de Khlebnikov, que pretendia não apenas provar a existência destas leis fundamentais, como codificá-las através de equações matemáticas.

O holismo da concepção de realidade de Khlebnikov é a mais básica premissa de suas elucubrações literárias e matemáticas. Para ele, o todo real se manifestava não de forma caótica, mas a partir de uma interação cíclica de forças que poderia ser apreendida e formalizada em equações. Tal como os movimentos planetários – um dos fatores que figuram nas equações do autor – a sucessão de eventos deveria seguir um padrão cíclico.

Em sua busca por estas unidades fundamentais, e partindo da premissa holista acima apresentada, Khlebnikov tem como primeira dedução a unidade a partir da qual qualquer reflexão deveria ser realizada: o tempo. O próprio afirma: “Nem o mais poderoso caminhão seria capaz de suportar tudo que o homem já escreveu sobre o espaço, mas o que escreveu sobre o tempo um pombo-correio seria capaz de carregar”.<sup>15</sup> A partir desta conclusão, todas suas observações se pautariam por uma análise cronológica dos eventos passados. Tal como fizera em sua pesquisa acerca da linguagem transracional, buscou observar os dados disponíveis e analisá-los em busca de padrões que o permitisse formular as equações que desejava.

Alguns exemplos de suas reflexões podem ajudar a compreender o escopo das ambições deste futurista russo. Buscava descobrir uma “lei que os destinos de todas as nações seguissem”,<sup>16</sup> que pudesse ser aplicada para relacionar eventos de um mesmo “grupo”. A partir dos dados que acumula, julga encontrar períodos regulares entre experiências de unificações, de formações de cidades, de grandes batalhas navais, de revoluções bem-sucedidas, entre outros. Entendia que se poderia antecipar a ocorrência de ondas migratórias e desastres naturais a partir da dedução das equações que ambicionava e de sua aplicação. Afirmava que pessoas “semelhantes” também nasciam em intervalos regulares – o que, após a revolução, o levou a afirmar que Marx nascera 35 anos após Jesus Cristo, e 38 anos após Buda.<sup>17</sup> “Meus estudos não excluem a possibilidade de se prever o futuro”, afirma em um de seus escritos; de fato, tendo ele em 1912 deduzido a queda de um estado em 1917,<sup>18</sup> para Khlebnikov e aqueles que o chamavam desde 1915 de Rei do Tempo, a Revolução de Outubro serviu como a prova final de que sua hipótese realmente estava correta, de que apenas tempo e esforço separavam a humanidade das verdades essenciais da realidade.

<sup>15</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 415.

<sup>16</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 280.

<sup>17</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 411.

<sup>18</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 284.

Mais do que investigar a natureza fundamental do cosmos, Khlebnikov julgou ter de fato conseguido desvendar a mais básica fórmula da existência, a partir da qual outras poderiam ser deduzidas. Ela revolve em torno dos números 365 – relativo aos eventos terrestres – e 48 – uma constante que deduziu como sendo relativa a interferências planetárias sobre os eventos da Terra:  $Z = (365 + 48y) x$ .  $Z$  equivale ao intervalo de tempo entre os eventos em questão, e  $x$  e  $y$  equivalem a distintos valores que se aplicam dependendo do “grupo” no qual os eventos em questão se inserem. A breve tabela abaixo apresenta algumas das conclusões que o próprio Khlebnikov catalogou, a qual pode permitir melhor apreensão da equação sendo utilizada:<sup>19</sup>

Se X	e Y	Então Z
X = 1	Y = -4	Z = 173
X = 1	Y = -1	Z = 317
X = 1	Y = 0	Z = 365
X = 1	Y = 1	Z = 413
X = 1	Y = 2	Z = 461
X = 3	Y = -1	Z = 951
X = 3	Y = 2	Z = 1383

A partir das observações que realiza sobre os intervalos entre ocorrências que classifica como semelhantes e da aplicação de sua equação, conclui ter encontrado o intervalo entre quedas de estados, nações que resultam de revoltas bem-sucedidas, entre muitos outros, todos catalogados e repetidos em diversos de seus textos.

A partir desta breve exposição das conclusões temporais de Khlebnikov a partir da sua análise de intervalos temporais e da aplicação de suas equações algumas reflexões podem ser realizadas e algumas conclusões alcançadas.

Em primeiro lugar, podemos observar tacitamente a partir da observação de suas hipóteses e elucbrações uma postura que corrobora a posição defendida por Carl Schorske:

Nos últimos cem anos, entretanto, “moderno” passou a distinguir nossa percepção acerca de nossas vidas e tempo em relação a tudo que antes transcorreria, da história como um todo. Arquitetura moderna, música moderna, filosofia moderna, ciência moderna – todos estes se definem não como *resultados* do passado, e de fato tampouco *contra* o passado, mas independentes do passado. A mente moderna vem crescendo indiferente à história porque a história (...) se tornou inútil a ela.<sup>20</sup>

Entre os escritos linguísticos do próprio Khlebnikov pode-se retirar afirmação semelhante, retirando a postura do futurista em relação ao passado das entrelinhas e expondo-a de forma clara: “(...) No entanto, repentinamente estamos testemunhando um desejo de libertar-nos da história – de penetrarmos nas profundezas da palavra”.<sup>21</sup>

Este desejo de libertar-se da história e dos limites tradicionais que ela impõe, aos olhos de Khlebnikov ao menos, pode ser observado em seus estudos justamente pelo desejo de descobrir leis fundamentais que, apesar de lidarem com o tempo como unidade geral, são atemporais. Ao desejo de encontrar a pedra fundamental da linguagem está implícita a ambição da criação de uma língua pura e racional, livre

<sup>19</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 281.

<sup>20</sup> SCHORSKE, Carl E. *Fin-de-Siècle Vienna: Politics and Culture*. Nova York: Vintage Books, 1981, p. XVII.

<sup>21</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 373.

de constrangimentos tanto do passado *quanto do futuro*. A aplicabilidade do passado ao presente, para Khlebnikov, limita-se apenas à função de banco de dados para a construção do futuro. O futuro, igualmente, não pode constranger o presente – como a doutrina escatológica cristã o faz, se lembramos de Koselleck<sup>22</sup> – mas servir apenas como a potência resultante de um presente maximizado por uma postura essencialmente *ativa* e “*presentista*”. Resulta desta postura, na obra de Khlebnikov, a projeção de se separar socialmente, no futuro, a humanidade a partir de gerações. “Que se permita que gerações diversas vivam separadamente”, afirma. Ao vislumbrar o futuro, Khlebnikov vê uma sociedade regida pelos jovens, pelos criativos, pelos inventores, por aqueles menos constrangidos pelo tempo e pela banalidade do cotidiano – a sucata do presente. O presentismo acima citado figura em tais vislumbres quando Khlebnikov afirma que futuramente, quando o tempo fosse reconhecido como o principal eixo da realidade, este passaria a ser visto também como uma moeda universal, e propunha que a batida de coração se tornasse a medida universal de contagem de tempo – abolindo as arbitrarias unidades *hora, segundo, minuto*.<sup>23</sup> O presentismo, tão evidente em obras como a de Nietzsche, por exemplo, resulta inexoravelmente em uma valorização extrema da ação, da iniciativa, que na obra de Khlebnikov pode ser exemplificada pela afirmativa “o futuro nos escapa porque somos preguiçosos”.<sup>24</sup>

Salta aos olhos de quaisquer leitores que se debruçam sobre os textos de Khlebnikov também as proporções dos objetivos buscados em suas pesquisas e a quantidade e intensidade das ramificações que decorreriam do sucesso das mesmas. Apesar de contar tacitamente com que suas pesquisas fossem continuadas e aprimoradas por gerações futuras, Khlebnikov legitimamente demonstra acreditar que é possível se delimitar fórmulas e operações que tornariam evidente as causas por trás dos menores eventos. Enquanto no âmbito linguístico Khlebnikov afirma que há muito ainda a se pesquisar e que não possui provas suficientes para cimentar suas proposições, em suas pesquisas temporais o mesmo Khlebnikov julgava ter alcançado resultados concretos e fundamentais, e não faz menção à possibilidade de que gerações posteriores derrubem suas equações, apenas que poderiam desenvolver outras suplementares. Não apenas Khlebnikov parece não achar que os esforços analíticos decorrentes para uma efetiva pesquisa como a que propunha seriam hercúleos, como julga necessário uma maior disponibilidade de informações para que tal pesquisa pudesse prosseguir, pedindo aos seus contemporâneos que mantivessem registros minuciosos de seus cotidianos, de seus sentimentos, pensamentos, impulsos, para que pudessem servir de dados para análise futura.<sup>25</sup> A referência mitológica acima é especialmente pertinente diante de uma curiosa afirmação de Khlebnikov, que compara seus feitos não aos de Hércules, mas aos de Prometeu: “Ó Destino! Não minei vosso poder sobre a raça humana ao desvendar o código secreto das leis através das quais vós governais? A que espécie de falésia serei eu acorrentado?”<sup>26</sup>

Para um leitor do século XXI, Khlebnikov parece não reconhecer quaisquer limites às possibilidades de suas próprias iniciativas, exceto aqueles que reconhece como sendo intrínsecos ao universo; entretanto, se observado entre seus contemporâneos, ele dificilmente pode ser considerado uma exceção. Numerosa é a produção, e variada é a autoria que trata justamente desta peculiar faceta do *fin-de-siècle* ocidental, no qual o autor russo se insere. Khlebnikov, a despeito do aspecto radical de suas propostas, pode ser observado como um exemplo que se situa no interior do espectro que autores como Nietzsche, Freud, Foucault, Schorske, Berman e tantos outros delinearam ao tratarem da experiência moderna durante este período.

Ambições como as de Khlebnikov não estão ausentes de nosso tempo, entretanto. Enquanto para nós parece fantástica a possibilidade de se descobrir uma chave explicativa fundamental para o funcionamento

<sup>22</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 41-60.

<sup>23</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 357.

<sup>24</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 402.

<sup>25</sup> Faz tal pedido, por exemplo, em uma carta que enviou a Kamenskii em 1914. Traduzida para o inglês em DOUGLAS, op. cit., p. 89.

<sup>26</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 283.



da realidade, igualmente fantástico poderia parecer muitos dos *fronts* da pesquisa biotecnológica ou física da atualidade, por exemplo, se não fizesse parte de nosso senso comum no que diz respeito a estes assuntos uma flexibilidade que não se aplica a outros ramos da inteligência humana. Em outras palavras, aqui se afirma que certas propostas atualmente pesquisadas no âmbito de certas esferas da ciência apenas não suscitam a reação que Khlebnikov suscita ao leitor atual porque nós, cotidianamente surpresos pelos sucessivos avanços científicos nestas áreas, nos convencemos de que não somos capazes de atribuir limites às expectativas dos pesquisadores destas áreas; ao contrário, reconhecemos na sucessão de avanços científicos uma autoridade que conferimos à comunidade científica, que lhe dá a chancela de dizer-nos o que são capazes ou não de alcançar, tal como o faz Khlebnikov. Por conseguinte, um dos motivos que levam a uma reação cômica ou condescendente quando se lê as propostas do escritor russo deriva justamente da chancela que este não possui para tratar de assuntos científicos, o que para o próprio autor, não era uma questão diferencial.

Os fantásticos avanços científicos observados especialmente no último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX é consensualmente um dos mais importantes fatores para o entendimento da “abolição de limites” que observamos entre tantos indivíduos que produziram teorias durante o período. Entre os futuristas russos, por exemplo, podemos citar o exemplo de Mayakovskii, que acreditava que era inevitável que, a partir das teorias de Einstein que acabara de tomar conhecimento, a humanidade desenvolveria uma tecnologia capaz de ressuscitar os mortos,<sup>27</sup> ou o do próprio Khlebnikov, que associa também à possibilidade de se alcançar a imortalidade os avanços na área da física e aeronáutica. Este é um período em que o invisível adquire uma grande proeminência na realidade humana, na qual desenvolvimentos em áreas como ótica e ondas solapam todas as afirmações que repousassem estritamente sobre a observação empírica a olho nu. Nas elucubrações de Khlebnikov encontramos um exemplo de um homem nascido no século XIX que, na segunda década do século XX buscava operar dentro desta curiosa realidade, ao mesmo tempo fugaz e tradicional, abstrata e concreta; observamos uma plataforma teórica construída em meio a uma caótica multidão de avanços e expectativas em todos os campos do conhecimento humano, bem como um possível referencial para refletirmos sobre os constrangimentos e características relativas à nossa própria produção de conhecimento contemporânea.

Se partir-se da premissa de que, ao menos em parte, a recepção no atual século a uma pesquisa como a de Khlebnikov se diferiria drasticamente de uma proposta por um renomado instituto de pesquisa de Harvard ou da USP como decorrência de uma especificidade de nosso tempo, igualmente pode-se imaginar que especificidades do período em que Khlebnikov produz afetem as escolhas tomadas pelo escritor. Mais especificamente, se pensarmos no cenário científico do século XXI, seria risível que um escritor com basicamente nenhum treinamento formal científico fosse capaz de avanços científicos dignos de nota, exatamente em decorrência da intensa verticalização e especialização dos campos de pesquisa científicos, que em parte explica justamente a nossa incapacidade de criarmos limites ao que consideramos infactível no âmbito das possibilidades destes campos. Em outras palavras, tão especializados são os procedimentos de pesquisa atuais, em nível de conhecimento, material, equipamentos etc. que àqueles que não dominam tais perícias parece restar apenas uma superficial avaliação dos resultados alcançados pelos especialistas e criar uma vaga e frágil expectativa do que se pode ou não esperar em seguida, e ambas ações são vistas, em geral, por seus próprios criadores com condescendência.

A realidade intelectual que cerca Khlebnikov – como tantos outros – é drasticamente diferente. A virada do século XIX para o século XX é um período de surgimento de inúmeros novos campos de conhecimento autônomos, e conseqüentemente de um considerável movimento entre diferentes campos. Entre os futuristas, pode-se observar justamente a predominância da opinião de que um artista tem muito com que contribuir para o progresso científico, em decorrência de suas capacidades criativas, como foi dito acima. Projetando uma sociedade futura, Khlebnikov formaliza esta hegemônica opinião ao propor uma divisão social entre os *inventores/desbravadores* e os *investidores/exploradores*, na qual os primeiros, os

<sup>32</sup> JAKOBSON, R. *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp. 29-30.

criativos, gozariam de grande reconhecimento por serem essenciais para um ótimo desenvolvimento humano, enquanto os segundos deveriam ser permitidos, mas relegados à uma posição coerente com sua contribuição social – que, para Khlebnikov, parece às vezes ser nula!

Uma última reflexão que se pode promover entre a obra de Velimir Khlebnikov e o que de forma ampla denominamos *experiência moderna* é o que aqui se pode chamar de *Culto à Ação*. Em suas teorizações Khlebnikov não se sobressai como uma exceção, mas sim parece poder ser assemelhado em linhas gerais com muitos outros contemporâneos que tinham em suas produções uma preocupação, direta ou indireta, em assumir as rédeas de alguma parcela de sua realidade que observava como estando des governada ou operando sem interferência humana. A palavra *ordem* é talvez uma das palavras-chave para que se possa resumir as expectativas de Khlebnikov em relação à sua busca por unidades fundamentais; no caos especialmente turbulento dentro do qual se inseria, Khlebnikov rechaçou a aceitação antiga de um caos primordial e buscou provar a existência de uma ordem superior que apenas era ainda desconhecida ao homem pelas faltas que as gerações passadas cometeram: inatividade, ignorância, passadismo; com a dedução das leis que governam tal ordem, um maior controle sobre a mesma seria consequência. Ao mal-estar acima mencionado, decorrente da abolição quase simultânea de tantos limites tradicionalmente estabelecidos, e o enfraquecimento de tantos outros, parece relacionar-se uma recorrente intenção emancipatória na produção intelectual e artística do período. Entre os futuristas, esta intenção é consciente, direta e evidente. Entre os russos, tal intenção porventura resultou em antagonismos com a cultura dos países europeus, bem como entre alguns modernistas brasileiros. Partindo da premissa de que vida e morte faziam parte de um ciclo natural de forças que não se dissipavam, apenas se realocavam – de acordo com a lei de conservação de forças de Lavoisier – Khlebnikov esperava que futuramente fossem desenvolvidas equações capazes de prever quando um indivíduo “renasceria”.<sup>28</sup> “Vidros e lentes que redirecionem os raios do destino – isto é o que espera a humanidade”: com esta frase, assim como quando admite a possibilidade de prever-se o futuro a partir do momento que se detenha as equações que esperava deduzir, Khlebnikov demonstra sua principal expectativa: manipular o destino, operar conscientemente dentro de sua dinâmica. Recusa tacitamente a interpretação de sua pesquisa como determinismo justamente por crer que, conhecendo as regras de funcionamento desta realidade, a humanidade fosse capaz de influir sobre ela.

Pode surpreender, à primeira vista, a ausência de uma variável humana em todas as teorias de Khlebnikov. Em todas as suas equações e contas, uma variável que corresponda à interferência humana não pode ser encontrada. Obviamente uma multiplicidade de hipóteses que expliquem tal ausência podem ser formuladas, especialmente ao se ver que diretamente em nenhum momento o autor levanta esta questão. Não há explicação alguma, entretanto, que lide com tal questão de forma completa, deixando ao menos parte da responsabilidade por tal ausência a uma inconsistência de Khlebnikov no interior de sua teoria – não seria a única. Seria inconsistente, afinal, se afirmar que o homem, ao deter as fórmulas fundamentais da realidade, seria capaz de alterar seus resultados, se as próprias equações deduzidas não oferecem tal variável. Tal como era sua premissa em suas pesquisas linguísticas, deve-se inferir que, se tal interferência fosse de fato possível, ela teria ocorrido anteriormente de forma inconsciente. Consequentemente, qualquer interferência humana forçaria a obsolescência da fórmula existente para a formulação de uma nova fórmula. Parece mais provável, entretanto, que tal ausência se deva especialmente a um desdobramento das circunstâncias acima debatidas, como a inatividade, o culto à ação e a ação constrangedora do passado sobre as ações humanas. Ou seja, poder-se-ia inferir que a ausência do fator humano nas equações de Khlebnikov decorre justamente do desconhecimento humano da existência de tais leis,

---

<sup>1</sup> Tal afirmativa claramente se demonstra inconsistente com a teoria de conservação de forças à qual a teoria de Khlebnikov se subscreeve com tanta veemência. Afinal, para que fizesse sentido, ter-se-ia que presumir que o indivíduo é uma unidade indivisível de energia – algo semelhante a uma alma, talvez – que após um determinado período seria reformada em outra manifestação real. Independente de qual fosse a premissa de Khlebnikov, o mesmo não defende em momento algum que tal “renascimento” incorreria em uma retenção de consciência, memória ou experiência. DOUGLAS, op. cit., p. 337.

levando o conjunto de interferências involuntárias a um equilíbrio que poderia ser representado em uma equação matemática não como uma variável, mas como uma constante embutida na dinâmica da equação. Esta hipótese, tais como muitas do próprio Khlebnikov, não é corroborada por quaisquer provas, servindo apenas como uma interrogação a quaisquer leitores que porventura decidam se embrenhar pelas titânicas e ricas elucubrações de Velimir Khlebnikov, o Rei do Tempo.